

Módulo 1 - Entrevista xom Natália Leal

[00:00:02] **Cris** Olá, pessoal, bem vindos de novo ao curso. É um prazer estar aqui com vocês e apresentar a minha queridíssima Natália Leal, diretora de conteúdo da Agência Lupa. E, claro, super companheira, sabe tudo de desinformação. Bem-vinda aqui ao MOOC, e vamos falar um pouco sobre as dificuldades que os checadores estão sentindo no Brasil e na América Latina. Queria começar com essa pergunta de cara: qual é o grande enrosco?

[00:00:30] **Natália** Oi, Cris. Oi, pessoal que está fazendo este curso. É um prazer estar aqui. Bom, nós temos algumas dificuldades aqui no Brasil e na América Latina. Eu costumo elencar três principais. Nós temos falta de transparência. Boa parte dos governos está escondendo dados. Estão tentando de alguma forma não dar acesso aos checadores aos dados que são necessários para fazer o nosso trabalho e o trabalho de todos os jornalistas. Há uma postura desses governos, aqui no Brasil isso é muito recorrente. Uma postura de criar os seus próprios fatos, de distorcer a realidade para contar uma outra história, para fazer uma narrativa diferente. Aqui no Brasil nós temos, na esteira desse tipo de posicionamento, também um forte assédio aos jornalistas e aos checadores em redes sociais. Aqui, particularmente, o time da Lupa é bastante assediado, o time do Aos Fatos é bastante assediado. Isso é bastante preocupante. E a gente também não pode desconsiderar a descrença das pessoas no próprio jornalismo e nos fatos de uma forma geral. Acho que desde que vivemos com essa questão da pós-verdade, as pessoas estão muito mais preocupadas em reafirmar suas crenças e seus valores do que em lidar com os fatos e com o que é comprovado, seja por método jornalístico, seja por método científico. Então isso é também uma grande dificuldade que a gente vem enfrentando nesses últimos tempos.

[00:01:58] **Cris** É barra pesada, Nat. Eu queria que você me desse um caso de sucesso, que você acha que deu certo, e me explicasse o porquê. Aí, depois, vou emendar na grande furada da qual você participou, para compartilhar com o pessoal aqui do curso. Para entendermos como é um pouco do dia-a-dia dos checadores, que é quase um caixa B. A gente nunca sabe direito o que vai funcionar. E aí, o que deu certo?

[00:02:21] **Natália** Exatamente. Além de termos esse caráter, como dizemos, de ficar enxugando gelo o tempo inteiro, tentando encontrar uma forma de fazer coisas, é muito incerto o que vai dar certo e o que não vai. Eu queria destacar uma iniciativa que participei durante a eleição de 2018, que foi uma parceria que fizemos com a Universidade Federal de Minas Gerais para monitorar grupos de WhatsApp, no que diz respeito ao que estava sendo compartilhado dentro desses grupos. Eram grupos abertos, grupos públicos. E a gente conseguiu, extraíndo dados desses grupos, mostrar que das 50 imagens mais compartilhadas dentro desses grupos só 4 eram verdadeiras. Então, é um nível de desinformação muito grande que conseguimos identificar a partir de um monitoramento bastante inovador para a época. A gente já sentia que o WhatsApp era um problema grande, mas a gente ainda não tinha um monitoramento muito efetivo desta plataforma, desta ferramenta. Então a gente fez isso, analisou os dados. E aí, uma coisa que chamou nossa atenção, que hoje é muito comum mas que na época não tínhamos nos atentado para isso, é que a desinformação envolvendo a política, lembrando que estávamos no contexto da eleição de 2018, não é necessariamente um ataque ao oponente. Então, boa parte dessas imagens tinha a ver com sistemas de governo, com outras pessoas que estavam ligadas a pensamentos políticos. Então, tinha coisas relacionadas à Fidel Castro, Che Guevara, à Dilma Rousseff. Era um ataque à visão de mundo de outro grupo. O que nos conecta diretamente ao caráter mais emocional da

desinformação. Não era uma coisa tão efetiva, era uma coisa mais ampla. Então, eu acho que esse monitoramento é um case de sucesso certamente, não só para a Lupa, mas para tudo o que diz respeito ao fact-checking no Brasil. Porque a partir daí nós conseguimos cobrar algumas coisas do WhatsApp. E parece que o WhatsApp começou a tomar um pouco a dimensão do que acontecia no Brasil ali dentro.

[00:04:25] **Cris** Nat, antes de você avançar para um fracasso, eu queria te cortar um minutinho e perguntar o seguinte. Falando de Whatsapp, que eu acho que é um assunto bem brasileiro, e bem do universo da língua portuguesa. Tem, primeiro, a questão se é censura ou não é censura. A gente vê o que está indo para o público. Eu queria sua opinião sobre isso, bem curtinho. E, também, se você ainda acha que o WhatsApp é a principal plataforma de desinformação ou se a gente já viu, em 2020, pintar um outro meio? O YouTube, por exemplo, me veio à cabeça.

[00:04:54] **Natália** Eu acho que não é censura, Cris. Acho que nós temos que olhar algumas coisas que o próprio aplicativo nos permite. Eu acho que existem outras formas de censura que são feitas nas redes sociais e eu não vou entrar nisso para não nos estendermos, acho que falamos disse em outro momento. Mas acho que neste caso especificamente não dá para considerar censura. Acho que as pessoas estão entrando em grupos e aceitando algumas normas ali, embora muitas vezes não tenham conhecimento. E eu acho que a gente poder olhar para os grupos públicos nos dá uma certa dimensão do que também circula nos grupos privados. Então, é como fazer uma pesquisa por amostragem. Então, isso faz parte do que estamos fazendo e tem que fazer parte. Sobre a sua segunda pergunta, eu acho que o WhatsApp ainda é um canal de desinformação muito grande. Mas a gente já está vendo que agora em 2021, por exemplo, os grupos que mais desinformam estão migrando para outras plataformas: Telegram, Signal. E até outras plataformas que são específicas, mais voltadas para a direita, que embora já tenham saído um pouco, né. O Parler e outros do tipo. Eles estão tentando se organizar de outras formas. O YouTube é, sim, um problema muito grande porque é muito conteúdo e é impossível olharmos para tudo. Mas eu acho que o YouTube ainda tem essa coisa do conteúdo público que a gente pode olhar um pouco mais. O WhatsApp sempre vai ter essa questão de que não é uma rede social, não é uma plataforma de rede social. Então sempre vai ter esse caráter de que tem alguma coisa lá, escondido, que não vamos ver. E isso é um problema muito grande.

[00:06:38] **Cris** Bom, manda a ver agora um fracassão. Aquela coisa que você fala "afe, Maria".

[00:06:41] **Natália** Este fracasso eu identifiquei durante as minhas saídas durante a pandemia. Eu acho que, para mim, um grande fracasso desse momento que estamos vivendo, da checagem, é a questão dos termômetros infravermelhos. Me surpreende muito que todo mundo tenha desmentido isso. O termômetro infravermelho não afeta a glândula pineal, não tem nenhum problema de a temperatura ser medida na testa. Mas toda vez que eu chego em um lugar, em um supermercado, uma farmácia, enfim, que tem esse dispositivo, o primeiro impulso da pessoa é medir o pulso. Eu sempre peço para medir na testa e as pessoas me tratam como uma completa maluca. Extraterrestre. E eu acho isso muito curioso. Eu acho que as pessoas realmente parecem ter medo e isso ficou no imaginário delas. É uma coisa que a gente não conseguiu desfazer. E, pelo menos na Lupa, nós fomos super claros sobre isso. E não conseguimos desfazer. E eu acho bem curioso o quanto isso repercute nas pessoas. Pra mim é o grande fracasso da pandemia. Essa é a fake-news mais bem sucedida da pandemia.

[00:07:51] **Cris** Que tristeza, gente. Afe, Maria. Nat, para encerrar: se você tivesse que fazer um pedido para o gênio da lâmpada, qual seria? Mais dinheiro, novos formatos? Alguma coisa que é fundamental, para inspirar quem está nos ouvindo. Peguei ela, gente.

[00:08:11] **Natália** É, me pegou, porque a primeira coisa que me veio na cabeça é: se eu pudesse fazer um pedido, qualquer um, sobre qualquer coisa, relacionada ao fact-checking, e ao jornalismo de uma forma geral, eu pediria para fazer um clique na cabeça das pessoas, para elas voltarem a valorizar os dados, sabe? Voltarem a valorizar os fatos. Porque eu acho que não adianta termos todo o dinheiro do mundo. Não adianta termos milhares de formatos diferentes. Isso vai nos ajudar. Mas precisamos contar com a credibilidade e com a disponibilidade das pessoas em acreditar no que a gente faz. Tendo mais dinheiro e tendo mais formatos, a gente pode chegar nisso. Mas vai ser um caminho bem tortuoso. Então, acho que se o gênio da lâmpada pudesse fazer todo mundo acreditar de novo no que a gente faz, ia encurtar o nosso caminho e ia fazer nós termos um pouco mais de tranquilidade e de sanidade mental para trabalhar. Porque isso mexe muito com a gente também. Então, acho que seria um pouco isso.

[00:09:12] **Cris** Disse tudo, disse tudo. Assino embaixo. E que o gênio nos escute. Nat, deixe agora o site da Lupa, as redes sociais da Lupa, para o pessoal seguir. E, claro, muitíssimo obrigada.

[00:09:24] **Natália** Gente, compartilhem as nossas postagens através do Facebook, do Instagram, do Twitter, LinkedIn, TikTok. A Lupa está em todos estes lugares. Procurem sempre por Agência Lupa. Em alguns lugares, Agência_Lupa, em outros, Agência Lupa. E o site é www.lupa.news. Tudo o que publicamos lá também vai para as redes sociais. Sigam a gente. Se tiverem sugestões, pedidos de checagem, nos escrevam no lupa@lupa.news. E o meu e-mail também está sempre aberto: natalia@lupa.news. Obrigada, Cris, pelo espaço e um grande beijo para quem está fazendo o curso.

[00:10:04] **Cris** Obrigada, Nat, um beijão. Vamos em frente, até mais.